

**CARTA DE DESCARTES A MERSENNE: SOBRE O PROJETO DE UMA  
LÍNGUA UNIVERSAL<sup>74</sup>**

Renê Descartes

**Nota explicativa da tradução:**

O tema da linguagem apareceu apenas incidentalmente nos textos de Descartes, como escreveu Borgmann (1974). Se, por um lado, o filósofo francês não compôs nenhum tratado específico sobre o assunto da linguagem, por outro lado, dedicou-se em suas cartas pessoais a debater o tema, em correspondências com Marin Mersenne<sup>75</sup>, Chanut<sup>76</sup>, Morus<sup>77</sup> e também o Marquês de Newcastle<sup>78</sup>.

Entre suas cartas, uma das mais famosas é a enviada em 20 de Novembro de 1629 a Marin Mersenne. Nesta carta, Descartes voltou sua atenção para o tema de uma língua universal, como haviam feitos muitos de seus contemporâneos. De fato, como bem observou Mungello (2003, p.92), “nenhum esforço reflete mais plenamente o cenário filosófico da Europa do século XVII do que a busca por uma linguagem universal”<sup>79</sup>.

O projeto de uma língua universal no século XVII teve como característica uma análise explícita da linguagem que buscou fornecer a partir desta um sistema de escrita com nomenclaturas simplificadas e palavras derivadas do cotidiano. Alguns modelos costumavam seguir os padrões de conjuntos taxonômicos de espécies. De fato, o filósofo francês foi um dos nomes mais importantes de seu século a se voltar para este problema. Segundo Slaughter (1982, p.127), “Foi Descartes quem primeiro amarrou a análise das coisas em elementos simples para uma proposta de linguagem, para uma linguagem artificial, universal e filosófica.”<sup>80</sup>

<sup>74</sup> Tradução de Laura Elizia Haubert, mestranda em Filosofia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Bolsista CNPq/eliziahubert@gmail.com. Pesquisa o tema da linguagem em Nietzsche e na modernidade. E Klaus Penna Prellwitz, mestrando em Filosofia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. klausprell@gmail.com. Pesquisa Kant e modernidade.

<sup>75</sup> A respeito da correspondência com Mersenne sobre o tema da língua/idioma vide as cartas de: 18 de dezembro de 1629, 20 de novembro de 1629, 19 de junho de 1639, 4 de abril de 1630, e 22 de julho de 1641.

<sup>76</sup> A carta a Chanut é de 1 de fevereiro de 1647.

<sup>77</sup> A carta a Morus é de 5 de fevereiro de 1649.

<sup>78</sup> A carta enviada ao Marquês de Newcastle remonta a 23 de novembro de 1646.

<sup>79</sup> Tradução livre de: “*No endeavour more fully reflects the philosophical outlook of seventeenth-century Europe than its search for a universal language.*” (MUNGELLO, 2003, p.92).

<sup>80</sup> Tradução livre de: “*It was Descartes who first tied the analysis of things into simple elements to a proposal for a language, for an artificial, universal, philosophical language.*” (SLAUGHTER, 1982, p.127).

A carta enviada a Mersenne e aqui traduzida é peça central na discussão cartesiana a respeito do projeto de uma língua universal. Nela, Descartes, ao tratar do problema responde ao programa elaborado por Claude Hardy que Mersenne lhe havia enviado anteriormente. Hardy, de acordo com Verbug (1998, p.242), “em sua meia dúzia de princípios propôs que a linguagem deveria consistir, quanto ao léxico, de palavras primitivas e que deveria ser extremamente simples e regular na gramática. Um dicionário também seria necessário.”<sup>81</sup> Em suma, Hardy<sup>82</sup> representava a visão comum de muitos autores do século XVII.

A respeito da carta, Manrique (2009) pontuou que tanto Mersenne quanto Descartes parecem não ter um conhecimento muito profundo do projeto de Hardy para além das seis proposições enviadas por Mersenne. A meta de Descartes foi, em base ao que conhecia, julgar o sistema de Hardy e esboçar uma resposta que se adequasse melhor à possibilidade de uma língua universal que aquela que lhe havia sido apresentada.

A carta em questão pode ser dividida em três partes distintas: (i) na primeira parte, Descartes se dedica a opinar sobre as proposições de Hardy, realizando uma exposição a respeito de cada uma das seis teses, sem seguir a ordem numérica das proposições do autor; (ii) na segunda parte o pensador francês pontua as desvantagens que identifica no projeto tal como proposto por Hardy; e (iii) na terceira, Descartes fornece uma alternativa para tornar viável o intento de criar uma língua universal, embora no parágrafo final retome o tom cético a respeito do projeto.

---

<sup>81</sup> Tradução livre de: “[...] *in its half-dozen principles proposed that the language should consist, as far as lexicon was concerned, of primitive words, and that it should be extremely simple and regular in grammar. A dictionary would also be needed.*” (VERBURG, 1998, p.242).

<sup>82</sup> A figura de Hardy durante o decorrer da história levantou uma série de discussões entre especialistas. Como escreveu Manrique (2009, p.166-167) em sua introdução à tradução espanhola da carta e a quem segue-se em suas conclusões: “*Este ‘Hardy’ es un personaje difícil de identificar. Umberto Eco identifica a Hardy con un tal Des Vallées, cuyo nombre pudo ser cambiado en la carta quizá a causa de los problemas que tuvo con Richelieu. Gaukroger apoya la identificación de Des Vallées como el Hardy de la carta de Descartes, argumentando que escritores de la época como Charles Sorel y Tallement de Reaux le atribuyen el descubrimiento de una langue matrice, la cual, según el propio Des Vallées, sería un lenguaje secreto al que sólo él mismo y los ángeles podían acceder. Derrida suspende el juicio afirmando que en la actualidad nada sabemos de Hardy, no obstante, el nombre hace probable que fuese un inglés, y si ello es así, tal vez su proyecto estuviese influenciado por la amonestación de Francis Bacon frente a los engaños del lenguaje popular o ídolos del foro. Sin embargo, el apellido se encuentra también entre los franceses. No hay evidencia alguna para creer que pudiera ser el dramaturgo francés Alexandre Hardy (1570-1632). Rodis-Lewis no habla de la carta, pero menciona a un jurista y matemático francés llamado Claude Hardy (1598-1678) que sería un jurado en la disputa respecto a la geometría analítica entre Descartes y sus contradictores. El perfil de este Hardy es en mi concepto el que más de adecua al Hardy de la carta, pues es un hombre cuyo dominio de los idiomas (entre ellos el árabe) lo capacitó para hacer una traducción latina de Euclides.*”

Chama-se a atenção do leitor para o fato de que Descartes parece, ao menos *a priori*, cético a respeito da possibilidade de levar a cabo o projeto da língua universal. Em contrapartida, como destacou Slaughter (1982), Mersenne simpatizava profundamente com a ideia anunciada, ao ponto de ter enviado a Descartes os preceitos de Hardy e solicitar seus comentários. Logo após receber a carta de Descartes, o padre Mersenne começou a trabalhar em sua própria versão de projeto de língua universal.

A carta foi traduzida diretamente da versão francesa que aparece como carta XV no primeiro tomo das *Oeuvres de Descartes*, editadas por Charles Adam e Paul Tannery, sendo que o número correspondente na versão francesa aparece no decorrer do texto entre parênteses. Também se serviu de uma comparação com a tradução espanhola realizada por Juan Francisco Manrique, e a versão inglesa de Anthony Kenny. Como critério foi conservada a pontuação original do texto, e evitou-se fazer maiores alterações estilísticas, buscando manter-se tanto quanto possível uma proximidade com o texto original e o estilo de escrita cartesiano.

**Carta de Descartes a Mersenne enviada em 20 de Novembro de 1629, A-T. I, 76-82.**

Meu Reverendo Padre,

Esta proposta de uma nova língua parece mais admirável à primeira vista do que quando a analiso detidamente; pois não há mais que duas coisas para aprender em qualquer língua, a saber, o significado das palavras, e a gramática. Quanto ao significado das palavras, ele não promete nada especial; pois ele diz em sua quarta proposição: interpretar essa língua com a ajuda de um dicionário, que é o que um homem pouco versado em línguas pode fazer sem ela em todas as línguas comuns. E tenho certeza de que, se você tivesse dado ao Sr. Hardy um bom dicionário de chinês ou de alguma outra língua, e um livro escrito (77) nessa mesma língua, ele certamente iria extrair seu significado.

O que impede que todos façam isso é a dificuldade da gramática; e imagino que este é todo o segredo de vosso homem. Mas não há dificuldade alguma nisso; pois para fazer uma língua onde existe apenas um padrão de conjugação, de declinação, e de construção das palavras, sem verbos defectivos nem irregulares, que são coisas introduzidas pela corrupção do uso, bem como a inflexão dos nomes e dos verbos são

## **OCCURSUS** **REVISTA DE FILOSOFIA**

feitos por afixos, ou na frente ou atrás de palavras primitivas, e esses afixos são completamente especificados no Dicionário, não será surpreendente que os espíritos vulgares aprendam em menos de seis horas a escrever nesta língua com ajuda do dicionário, que é o sujeito desta sua primeira proposição.

A segunda, a saber: “uma vez conhecida esta língua, as outras podem ser aprendidas como dialetos desta”, existe apenas para “vender” a ideia; porque não diz quanto tempo levaria para aprendê-las, mas somente que elas podem ser consideradas como dialetos de sua língua, na qual não haveria irregularidade gramaticais como nas outras, tomando-a como primitiva às outras. Além disso adverte que em seu dicionário, com relação às palavras primitivas, pode-se servir das palavras em uso em todas as línguas comuns bem como de sinônimos. Por exemplo, para exprimir “o amor”, ele toma a *aimer*, *amare*, φιλεῖν, etc. E um francês acrescentando o prefixo, que marca o substantivo, para “*aymer*”, formara o substantivo correspondente “*l'amour*”, um grego adicionará o mesmo a φιλεῖν, e assim os demais.

(78) A sexta proposta é muito fácil de compreender: “inventar uma escrita, etc”; pois colocou em seu dicionário um único símbolo, que corresponde a *aimer*, *amare*, φιλεῖν, e todos os sinônimos, um livro escrito com esses símbolos pode ser interpretado por todos aqueles que possuem este dicionário.

A quinta proposição também é, ao que me parece, apenas para autovalorizar-se, e tão logo vejo a palavra *arcanum* em qualquer proposição, começo a ter dela uma má opinião; mas acho que ele não quer dizer outra coisa, senão que tem um grande conhecimento sobre as gramáticas de todas as línguas que nomeia, para abreviar a sua, de modo que ele poderia ensiná-las mais facilmente do que os professores ordinários.

Resta a terceira proposição, que é completamente um *arcanum* para mim; pois ele diz que irá expor os pensamentos dos antigos com as palavras que eles usaram, tomando cada palavra pela verdadeira definição da coisa, o que significa em verdade dizer que ele explicará os pensamentos dos antigos dando às suas palavras outros significados que eles não têm e jamais tiveram, o que é repugnante; mas talvez ele entenda isto de outro modo.

Ora, este pensamento de reformar a gramática, ou de fazer uma nova que se possa aprender em cinco ou seis horas, e que possa ser comum para todas as línguas, não deixaria de ser uma invenção útil ao público, se todos os homens desejassem adotar esta medida para uso, sem dois inconvenientes que prevejo. O primeiro é a má

combinação das letras, que com frequência produzem (79) sons desagradáveis e insuportáveis aos ouvidos: pois todas as diferenças de inflexões das palavras são feitas pelo uso justamente para evitar esse defeito, e é impossível que vosso autor tenha remediado esse inconveniente, fazendo sua gramática universal para todos os tipos de nações, pois o que é fácil e agradável à nossa língua, é rude e insuportável aos alemães, e também para outros. Se bem que tudo o que ele poderia ter feito, era evitar esta pobre combinação de sílabas em uma ou duas línguas; e dessa forma sua língua universal não seria mais que para um único país. Mas não precisamos aprender uma nova língua para falar apenas entre os franceses. O segundo inconveniente é a dificuldade para aprender as palavras desta língua. Pois se para as palavras primitivas cada um usa as de sua própria língua, é verdade que ele não terá dificuldades, mas ele não será entendido por alguns de seu país, senão por escrito, devendo aquele que quiser entendê-lo tomar a dificuldade de procurar todas as palavras no dicionário, que é especialmente fastidioso para esperar-se que seja colocado em uso. Se vosso homem quer que aprendamos as palavras primitivas, comuns a todas as línguas, ele jamais encontrará alguém que se proponha a enfrentar este problema; e seria mais fácil fazer com que todos os homens concordassem em aprender a língua latina ou alguma daquelas que já estão em uso, do que com aquela, sem que existam livros escritos, por meio dos quais se poderia praticar, ou de homens que a conheçam, com os quais se poderia praticar a conversa. Portanto, toda a utilidade que vejo que pode ser alcançada por esta invenção, (80) está na escrita: suponhamos que ele tenha um grande dicionário impresso em todas as línguas nas quais ele gostaria de ser compreendido, e coloque para cada palavra primitiva, um símbolo correspondente ao significado, e não as sílabas, um mesmo símbolo para exprimir, por exemplo *aimer*, *amare*, e,  $\phi\lambda\epsilon\acute{\iota}\nu$ ; para quem tem o dicionário, e conhece a gramática, poderia pesquisar todos estes símbolos um após o outro e interpretar em sua língua o que estará escrito. Mas isso não será bom mais do que para ler mistérios e revelações, pois para outras coisas, ninguém que tenha algo melhor a fazer passaria pela dificuldade de pesquisar todas as palavras em um dicionário, e assim não vejo isso como de grande uso. Mas é possível que eu me engane; somente a você quis escrever tudo o que posso conjecturar sobre essas seis proposições que você me enviou, de modo que quando você veja a invenção, possa dizer se eu a decifrei bem.

De resto, creio que poderíamos adicionar a isso outra invenção, tanto para compor as palavras primitivas dessa língua, como para seus caracteres; assegurando-se

que ela possa ser ensinada em um período muito curto, e por meio da ordem, isto é, estabelecer uma ordem entre todos os pensamentos que podem entrar na mente humana, na mesma ordem que existe naturalmente entre os números; e como podemos aprender em um dia a nomear todos os números até o infinito, poderemos aprender a escrever uma infinidade de palavras em uma língua desconhecida, e se poderia fazer o mesmo com todas as outras palavras (81) necessárias para exprimir todas as coisas que adentram na mente do homem. Se esta ordem for encontrada, não duvido que esta língua em breve se espalharia pelo mundo; pois há muitas pessoas que empregariam de bom grado cinco ou seis dias de tempo para que possam se fazer compreender por todos os homens. Mas eu não acredito que vosso autor tenha pensado nisso, tanto porque não há nada em todas as suas proposições que o comprovem, como porque a invenção dessa língua depende da verdadeira filosofia; pois é impossível de outra forma enumerar todos os pensamentos do homem, e colocá-los em ordem, sequer distingui-los de modo que sejam claros e distintos, o que é na minha opinião o maior segredo que se tem para adquirir a boa ciência. E qualquer um que tenha explicado bem quais são as ideias distintas que estão na imaginação dos homens, do que se compõe tudo o que eles pensam, e que foi recebido por todo o mundo, eu ousaria esperar em seguida uma língua universal muito fácil de se aprender, pronunciar e escrever, e principalmente, que ajudaria o julgar, representando-lhe tão distintamente todas as outras coisas, que lhe seria quase impossível enganar-se; ao invés disso, as palavras que temos tem significados confusos, e a mente dos homens está tão acostumada a elas, [que] essa é a causa pela qual ela não compreende quase nada perfeitamente. Ora, eu mantenho minha crença de que esta língua é possível, e que é possível encontrar a ciência da qual ela depende, por meio da qual os camponeses possam melhor julgar a verdade das coisas, do que como fizeram (82) até agora os filósofos. Mas não espere vê-la jamais em uso; isto pressupõe grandes mudanças na ordem das coisas, e seria necessário que todo o mundo não fosse mais que um paraíso terrestre, o que é bom para propor apenas nas páginas de um romance.

**Bibliografia:**

BORGMANN, Albert. **The Philosophy of Language: historical foundations and contemporary issues.** The Hague: Martinus Nijhoff, 1974.

**OCCURSUS**  
**REVISTA DE FILOSOFIA**

DESCARTES, René. **Ouvres**. Publiées par Charles Adam y Paul Tannery. Correspondence I: Avril 1622-Février 1638. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1897.

MANRIQUE, Juan Francisco. Introdução. In: DESCARTES, René. Carta sobre el proyecto de un lenguaje universal. Traducción de Juan Francisco Manrique. **Prax. filos.**, Cali, n.29, p.165-177, 2009.

MUNGELLO, D.E. European Philosophical Responses to Non-European Culture: China. In: GARBER, D.; AYERS, M. (eds.). **The Cambridge History of Seventeenth-Century Philosophy**. 2 v. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

SLAUGHTER, M.M. **Universal languages and scientific taxonomy in the seventeenth century**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

VERBURG, Pieter Ab. **Language and its Functions**: a historic-critical study of views concerning the functions of language from the pre-humanistic philology of Orleans to the rationalistic philology of Bopp. Translated by Paul Salmon, in consultation with Anthony J. Klijnsmit. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1998.